

## RESENHA:

DINIZ FILHO, Luis Lopes. **Por uma crítica da geografia crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013. 230p.

### Marquessuel Dantas de Souza

Graduado em Geografia pela Faculdade de São Paulo/São Paulo – SP.

marquessuelgf@gmail.com



Uma obra contra o seu tempo, eis o que em essência é o livro *Por uma crítica da geografia crítica*, de Luis Lopes Diniz Filho, publicado pela Editora UEPG, Ponta Grossa, 2013, 230p.

Não obstante, o livro como um todo é um jogo de ataques e defesas, principalmente ataques – por parte do autor – à Geografia contemporânea brasileira, nas duas vertentes do conhecimento, ou seja, à geografia universitária, portanto acadêmica e de “planejamento” e à geografia escolar; conquanto, com base na geocrítica. Uma corrente da Geografia que ganhou força a partir dos anos 1970-80 e até os dias atuais influencia fortemente muitos geógrafos. Cada capítulo torna-se singular no sentido de expor situações desafiadoras e, de certo, denunciadoras no que respeita à geografia hegemônica (geocrítica) e, por conseguinte, dominante e “doutrinadora” no cenário brasileiro. Ademais, partindo de uma crítica à *teoria social crítica*, o autor mostra o quanto à geografia brasileira (e seus intelectuais) está acorrentado a essa “promoção” de ciência social de cunho marxista que, diante da realidade fantasiosa do mundo, ilustra muitos problemas sociais, porém, não propõe soluções efetivas, mas apenas e tão somente realizações “utópicas”, conforme as análises no contexto do livro em questão.

De modo simples, Diniz Filho nos diz que “em todos os representantes da geocrítica se manifesta uma profunda influência marxista” (p. 32). O que a faz uma ciência deficiente diante da complexidade social, uma vez que sua abordagem se limita a colocar defeitos no capitalismo, em suma, no modelo econômico vigente no mundo. Sem

apresentar resultados eficientes e coerentes. Desse ponto de vista tudo se resume ao econômico; algo empobrecedor e que rege a geografia como uma pseudociência do espaço.

Segundo Diniz Filho, “a geocrítica tornou-se epistemologicamente mais eclética para continuar sendo o que sempre foi” (p. 35). Quer dizer, continua promovendo ações de um passado confuso num presente também caótico (de penumbra) por sua complexidade cultural. Com isso, intelectuais da geocrítica estão debilitando a geografia, especificamente em relação à formação social (educação).

O livro de Diniz Filho é pontual nos aspectos de seus capítulos: dividido em cinco partes, o material publicado enfatiza momentos diferentes, contudo, interligados no que tange à Geografia no Brasil, em especial à Geografia Humana (Geocrítica ou Geografia Crítica). Aqui iremos nos deter, em específico, nos capítulos 1, 3 e 4. Pois consideramos esses os capítulos de maior fôlego no todo do livro. A parte 3 e 4 são complementares, ou, podemos dizer, a parte 3 é uma abordagem da teoria geográfico-educacional que será avaliado na prática, isto é, na parte 4. Os demais capítulos também serão tratados, por vezes, com restrições.

De modo bastante simples e eficaz, a *Introdução* desenterra ao mesmo tempo em que busca por enterrar ainda mais profundo a velha guarda da Geografia Crítica (marxista) dos anos 1970-1980 para mostrar o quanto os geógrafos daquele momento histórico influenciaram e ainda influenciam “negativamente” os geógrafos contemporâneos. Do mesmo modo mostra que tal herança ou os estudantes à época, hoje professores, não se distanciam daquela “nova geografia” tão comentada e cambaleante na história do pensamento geográfico brasileiro. Citemos alguns autores brasileiros apenas para efeito de ilustração: Milton Santos, Ruy Moreira, Rogério Haesbeart, José Willian Vesentini, Marcelo Lopes de Souza, Ana Fani Alessandri Carlos entre outros. Além daqueles de outras ciências como da sociologia, principalmente e da filosofia e economia. Não obstante, ainda acrescenta: “os pressupostos dessa corrente conquistaram um predomínio tão amplo entre os geógrafos brasileiros que se pode falar efetivamente numa hegemonia, pois mesmo autores que nunca se propuseram a desenvolvê-la reproduzem seus pressupostos básicos” (DINIZ FILHO, 2013, p. 20).

O primeiro capítulo – *A geografia viúva da revolução* – direciona uma crítica convencional às abordagens de Ana Fani Alessandri Carlos no contexto do IX Colóquio Internacional de Geocrítica realizado em 2007. Todo esse enfrentamento se efetiva em virtude de debates anteriores. Diniz Filho rebate críticas de Carlos por ocasião de um artigo seu (Diniz Filho) publicado em 2002 sobre a desqualificação do marxismo na geografia.

Portanto, é nesse jogo de perguntas e respostas (ataques) que o primeiro capítulo se constitui. Algo que enfraquece, em nosso entendimento, a pretensão do texto. Contudo, a obra traz muitas inovações e desafios para os geógrafos contemporâneos: não se submeterem apenas a uma corrente de pensamento, pois é possível interpretar o mundo por meio de outras epistemologias.

Bem entendido, as leituras economicistas a partir de Marx são problemas sérios, ou melhor, são problemas graves para os geógrafos, uma vez que estes não são economistas. Assim, confundem as leituras que fazem do mundo. *Marx nunca foi geógrafo*, e seu olhar para o “espaço” era de economista. As teorias econômicas não dão conta de explicar a produção material do e no espaço. Eis uma das razões para Diniz Filho direcionar críticas calorosas a Carlos e a sua geografia do “bem maior”, que, em realidade é uma falsa ciência social, pois a autora demonstra aniquilar o capitalismo em favor de uma sociedade igualitária, todavia, a mesma e não dispensa os benefícios e os privilégios que o capitalismo “selvagem” lhe propõe na academia.

Ironicamente Diniz Filho nos mostra que a geografia, sendo incapaz de formular uma crítica social com fundamentos sustentados no estudo do espaço, está condenada “a ser um simples apêndice da teoria social crítica” (p. 43). É notório dizer que a geocrítica ou a geografia crítica se pauta em duas vertentes principais, a saber, na teoria do espaço e na teoria do território. Ora, as demais categorias, como região, lugar e outros mais não servem? Assim, vê-se o quanto a geocrítica é contraditória, fala de um espaço confuso, pois a idéia de espaço advém da física e da filosofia; bem como fala do território, algo que viabiliza as angustiantes discussões de reforma agrária que nunca se realiza (utopia até então). Mas porque os geógrafos críticos expressam tanto o que não acontece? Simples: para Diniz Filho, parafraseando-o, os geógrafos possuem mais chances de exibir produtividade, de ter acesso a cargos, bolsas ou a verbas. Do mesmo modo, tem maiores chances de participação em bancas, de publicações conjuntas e apresentarem conferências. Além disso, os mesmos têm mais oportunidades de lucro, de faturar muito com vendas de livros (didáticos ou não), transformando suas idéias em mercadorias altamente vendáveis (pp. 33-34). Numa palavra, eles enriquecem seus egos.

Com efeito, a produção das “geografias críticas” na verdade é uma produção de geografias anticapitalistas. Nesse contexto, pode-se dizer que a geografia desde os anos 1970-80 ainda está em crise. E os geógrafos não percebem isso. A Geografia deve contrapor suas análises, mas não as realiza. O que está levando-a a seu falecimento de

forma lenta. Principalmente da Geografia Humana. Embora reconheçamos sua importância e seus avanços.

As alternativas da geocrítica não aparecem. Ao menos não as vemos. Perguntemos então: a geocrítica está perpetuando “cegueira ideológica travestida de ciência multicultural?” (p. 56). Certamente sim.

Apesar de todas as críticas desenvolvidas e contundentes, o capítulo 1 torna-se enfraquecido por se limitar apenas a criticar uma apresentação oral de um evento, depois publicada nos anais. O autor reduz sua análise a um encontro. Apesar de citar autores diversos para além daqueles que apresentaram resultados de pesquisas durante o evento. Mesmo assim, torna-se uma seção cansativa para o leitor, pois ao autor se preocupa em atacar e se defender (quase amadorismo)

O capítulo 2 – *A importância das teorias críticas do domínio prático e a lógica dos maus perdedores* – realiza o mesmo propósito que o capítulo anterior: faz uma crítica radical ao campo da geografia agrária e urbana. Mostrando suas deficiências para com o real.

O capítulo 3 – *Das origens às novas gerações da geocrítica: a doutrinação do sistema de ensino* – ressalta com veemência a importância da geocrítica no sistema educacional. Para tanto, Diniz Filho busca realizar uma crítica a partir das leituras de José Willian Vesentini. De certo, os livros didáticos publicados por Vesentini esbarram na teoria social crítica e, portanto, na geocrítica. Embora muitos autores dessa corrente geográfica não percebam ou neguem tal filiação. Deveras, parafraseando Diniz Filho (p. 121), os geógrafos que trabalham com referências teórico-metodológicas não provenientes da teoria social crítica, parecem estar a serviço das classes dominantes, por interesse ou por ingenuidade. – Ora, devemos salientar que todos os acadêmicos estão sujeitos às submissões desse gênero. Uma vez que *a Universidade é perversa*.

Não obstante ao que se expôs até aqui, é notório somar/acrescentar que em relação à doutrinação em sala de aula, tanto a universidade quanto as escolas de nível fundamental e médio realizam ou promovem tal procedimento. Uma vez que a arrogância e o autoritarismo se fazem presente durante todo o envolvimento professor/estudante, docente/discente. Quer dizer, a doutrinação ideológica acontece por meio tanto dos materiais didáticos quanto por meio das falas dos professores. Em outros termos, há uma ampla confusão entre os discursos e as práticas geográficas em salas de aula. Devemos ressaltar que muitos professores utilizam as aulas para distorcerem a realidade ou apresentarem visões políticas pessoais; ainda mais grave é observar que muitos professores

impõem aos estudantes coisas tão perversas que estes devem concordar com aqueles para conseguir notas desejáveis, entre outras coisas.

O capítulo 4 – *A geografia escolar: doutrinação ideológica e incapacidade de desenvolver competências* – é uma parte da obra muito interessante no sentido do pensamento livre. Ou seja, o autor delinea um diálogo singular da apreensão da realidade escolar no Brasil, sem se prender a escolas de pensamento. Por conseguinte, a composição do referido capítulo é muito estranho quando pensamos naquilo no qual as pessoas estão habituadas a se deparar. Quer dizer, as estratégias das palavras expostas podem convencer facilmente qualquer leitor desatento. O que não distancia, por assim dizer, Diniz Filho dos demais autores por ele criticado. Em outros termos, Diniz Filho nega sempre as colocações elaboradas ou desenvolvidas por Vesentini no que respeita a realidade do mundo e do Brasil. Mas é curioso percebermos que Diniz Filho apesar de tal posicionamento teórico-metodológico, faz germinar idéia do quão os estudantes (fundamental, médio ou graduação) são manobrados por frases e eloquências que na verdade dizem o não dito ou não diz o que se quer dizer. Quase uma psicologia reversa. Eis o cuidado que devemos ter.

Certamente a falta de respeito e de responsabilidade/compromisso efetivo de todos aqueles que fazem funcionar a educação brasileira para com a sociedade, mutila a razão racional engendrando uma razão maquinal promovendo um distúrbio grave e criando novas neuroses (no sentido da psicanálise). O encantamento pelas mentiras e superstições, bem como o encantamento por coisas inúteis são os novos movimentos da idolatria perversa. As ilusões fazem as pessoas serem cativas das camuflagens do real, das maquiagens que estragam gerações inteiras presas nas garras de predadores populares na falsa harmonia existencial. Fazem as pessoas terem alucinações por coisas insuspeitas. Assim diz-se: “por vedar aos alunos a oportunidade de conhecer pontos de vista divergentes que o *sistema de ensino* tem funcionado como uma *autêntica máquina de doutrinação ideológica*” (DINIZ FILHO, 2013, p. 190, grifo nosso). De modo explícito o autor nos alerta, nos adverte que embora a geocrítica tenha a preocupação em sublinhar sua especificidade diante das outras ciências, “os conteúdos dos livros didáticos escolares não provém de teorias elaboradas originalmente por geógrafos” (DINIZ FILHO, 2013, p. 153), mas de fontes externas que advém da influência da economia, da sociologia e da historiografia dos anos 1960-70, e que ainda persistem penetrando nas novas abordagens da geografia crítica.

O último e quinto capítulo – *Um balanço final e um último questionamento* – é uma avaliação dos capítulos anteriores. O autor pontua que o livro está nivelado em três esferas

complementares: a epistemológica, a do planejamento e a do ensino. Com isso, revela as fragilidades de alguns geógrafos brasileiros quando de seus posicionamentos em aulas, debates de conferências ou materiais publicados. Isto, em virtude da influência que a geocrítica promoveu e que ainda permeia os discursos e as práticas de muitos dos geógrafos brasileiros.

Chama-nos atenção uma passagem inquietante do autor: “já está na hora de encarar o fato de que é impossível tecer uma crítica radical à sociedade capitalista com base no estudo do espaço sem cair em algum tipo de fetichismo espacial, sendo que os raciocínios supostamente dialéticos usados para chegar a esse resultado não passam de jogos de palavras” (DINIZ FILHO, 2013, p. 200).

Tanto quanto possível, a obra constrói o que podemos chamar de o contrapelo da geografia, quer dizer, coloca a Geografia Científica (universitária e acadêmica) e a Geografia Escolar contra toda sua herança epistemológica (algo muito singular e raro). O que faz da mesma (obra), um marco para os novos estudantes da ciência geográfica. A obra denuncia o delírio em que a Geografia brasileira está envolvida. E no que respeita à educação, decifra a doutrinação ideológica no ensino, ou melhor, traduz a prática da doutrinação teórica e ideológica nos três níveis de ensino – fundamental (básico), médio e superior.

Com efeito, devemos reconhecer que mesmo mostrando as contradições reais que envolvem a Geografia Científica e a educação escolar e universitária no Brasil, o autor carece de esclarecimentos quanto ao seu posicionamento e defesa de sua tesa. Isto é, em suas investigações o autor dialoga sempre por meio de estatísticas, dados comprovados por instituições internacionais, nacionais ou regionais. Quer sejam governamentais ou não. Entretanto, devemos indagar e alertar para o seguinte: esses dados são confiáveis? Ou melhor, dizendo, esses dados não são alterados ou manipulados para legitimar o que visam? Tudo o que é oficial é seletivo. Aceitemos isso ou não. Devemos ter cuidado com aquilo oriundo da política partidária e da mídia, posto que ambos os meios de divulgação de massa mostrem ocultando e ocultem mostrando (anúncios), num perverso jogo do faz de contas, de fingimentos, comoções, contaminações e convencimentos dos mais severos possíveis. O autor é muito seguro em suas palavras, mas deixa escapar uma visão outra: critica um tipo de geografia que não lhe agrada, mas demonstra não respeitar as variadas visões de mundo. Portanto, permanece como os demais: atuando emocionalmente ignorando o racionalmente.

O autor se preocupa demasiadamente em classificar direita e esquerda em seu discurso para com outros discursos. Algo que torna o texto cansativo e em certa ocasião,

desinteressante. Porém, sua obra é inovadora, ousada, atrevida e desafiadora uma vez que ilustra passagens que outros geógrafos têm medo ou receio de falar – o melhor, jamais falarão (escondendo suas tolices intelectuais). Nesse último contexto, o livro é um material muito rico em termos de pensamento livre; o autor não se deixa intimidar por uma escola de pensamento (já defendido anteriormente). E nem por autores hegemônicos que atuam no cenário nacional desde, aproximadamente, os anos 1980.

Como dito, a obra é um marco de determinação em romper com teorias do passado que dominam a conjuntura da geografia brasileira. O livro busca por trazer novas reflexões para com a geografia do século XXI. Todavia, a mesma apresenta equívocos. Principalmente quando direciona críticas, de forma abrupta, aos estudantes que foram usados como ‘cobaias’ nas pesquisas comparativas quando da análise de alguns livros do Vesentini. De acordo com as exposições ao longo do texto, o autor demonstra negar e não aceita que no Brasil existam desigualdades sociais gritantes, o que nos conduz a considerar que a obra aqui tratada é um trabalho que, apesar de refutar a idéia de classes sociais divergentes, assume de fato a existência do que rejeita. Portanto, a obra é uma contradição. Mesmo não fazendo apologia à Geografia, a mesma apela para o absurdo social por meio da Geografia.

Acreditamos que emancipar a Geografia como ciência social respeitável é necessário demolir os vícios que a envolve. E, para tanto, a obra de Diniz Filho se aproximou muito desse propósito. Desnudar a Geografia Crítica brasileira. Desmascará-la mostrando sua verdadeira face. No mais, o livro é uma referência singular no que diz respeito à lógica objetiva da crítica da geocrítica.

## REFERÊNCIAS

DINIZ FILHO, Luis Lopes. **Por uma crítica da geografia crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013. 230p.

Recebido para avaliação em 27/07/2016  
Aceito para publicação em 09/12/2016